

PANDEMIA DE COVID-19: REFLEXÕES PARA O CAMPO DA SAÚDE COLETIVA

Mercedes Neto

Enfermeira. Doutora em Ciências com Pós-Doutoramento em Epidemiologia. Professora do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ. <http://orcid.org/0000-0001-7529-9535>

A saúde global tem as doenças emergentes e reemergentes como desafios há muitos anos no aspecto de seu controle e mitigação. A eclosão da epidemia de uma doença infecciosa emergente em Wuhan, na China, e sua identificação como um novo tipo de coronavírus, levou a Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, a declarar a pandemia da doença denominada 2019-nCoV ou CoVid-19 - Doença por Coronavírus 2019⁽¹⁾.

Destaca-se que, por ter um comportamento errático e de rápida disseminação pelo mundo, a doença tornou-se uma emergência de saúde pública que impõe à vigilância epidemiológica, às relações internacionais e à organização das políticas públicas desafios que tangenciam os sistemas de saúde e impactam nas condições de cuidado e de trabalho dos profissionais de saúde.

As características epidemiológicas e clínicas dos casos confirmados de CoVid-19, na perspectiva de Wuhan, demonstra que a idade média foi de 49 anos, com prevalência do sexo masculino. Foram considerados importantes sinais e sintomas desta doença: febre

(98%), tosse seca (76%), linfopenia (63%), dispneia (55%) e mialgia ou fadiga (44%). As secreções respiratórias foram consideradas como principal meio de transmissão⁽²⁾.

A velocidade na curva epidêmica no Brasil demonstra paridade nos aspectos clínicos e epidemiológicos da CoVid-19 com os demais países atingidos, respeitando as vulnerabilidades sociais e características de cada lugar. No entanto, o reconhecimento ainda insípido da história natural da doença e a impossibilidade de controle imediato da pandemia com redução dos susceptíveis por meio de vacinação, as experiências mundiais apontam para a necessidade de controle da velocidade da progressão da curva por meio do isolamento social⁽³⁾.

Esta medida tem por objetivo reduzir a necessidade de suporte ventilatório e a internação em unidades de terapia intensiva em curto espaço de tempo, haja visto que com a propagação expressiva e rápida de casos não permitiria a adequação da capacidade de assistência no sistema de saúde. Neste bojo, e paralelo a medida de isolamento, o Brasil precisa investir tam-

bém nos debates de políticas públicas voltadas aos trabalhadores da saúde, em especial, no que os equipamentos de proteção individual, além da reorganização da rede de atenção compreendida do Sistema Único de Saúde – SUS.

Portanto, o momento reforça as medidas de prevenção contra a infecção, conforme orientações da OMS, como a higienização das mãos, dos insumos e alimentos que serão consumidos, mas também, em específico aos profissionais de saúde, com a utilização dos equipamentos de proteção por meio do uso de óculos ou protetor facial, máscara N95, avental e luvas no momento da prestação dos cuidados aos pacientes com suspeita ou confirmados de infecção por CoVid-19.

Por fim, a compreensão desta nova doença nas populações do mundo e suas repercussões no cuidado e assistência, convidam a comunidade científica da área da saúde a promover novas pesquisas e desenvolver de forma ética e rápida, produções de conhecimento que baseiem as condutas dos profissionais da ponta na rede de atenção à saúde. ■

REFERÊNCIAS

1. Belasco AGS, Fonseca CD. Coronavírus 2020. Rev Bras Enferm [Internet]. 2020;73(2):e2020n2. doi: 10.1590/0034-7167-2020730201.
2. Huang C, Wang Y, Li X, Ren L, Zhao J, Hu Y, et al. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. Lancet [Internet]. 2020; pii:S0140-6736(20)30183-5.

doi: 10.1016/S0140-6736(20)30183-5.

3. Rafael RMR, Neto M, Carvalho MMB, David HMSL, Acioli S, Faria MGA. Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de Covid-19: o que esperar no Brasil? Rev Enferm UERJ [Internet]. 2020; 28:e49570. doi: 10.12957/reuerj.2020.49570.